

Abertura

Epidemia de dengue e extensão popular

Escrever sobre Saúde é sempre agradável para um médico – profissão que a Universidade me fez deixar para trás, mas que retomarei tão logo me aposente. Não que eu não esteja feliz com o que faço. Sou feliz, sim! Mas quero retomar a Medicina, mesmo aos quase 60 anos, pois estudei com muita dificuldade, já casado e trabalhando “duro”, dando aulas de Biologia em dois colégios e um curso pré-vestibular para manter a família.

Sou um homem acostumado a enfrentar desafios... E, melhor, acostumado a vencê-los! Creio que este pensamento de vitória é aquele que sempre devemos manter durante cada minuto da nossa existência, pois torna a nossa mente forte e difícil de ser abatida!

Estou escrevendo sobre Saúde num momento em que o Rio de Janeiro está assolado por uma epidemia de dengue. Outras já aconteceram no Rio e, como a epidemia, a briga política se repete: o prefeito da cidade acusa o governador, que acusa o ministro da saúde, que acusa o prefeito...

Quando eu estudei Medicina, não havia dengue em nosso país. Lembro que meu velho professor de Parasitologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro disse que não precisaríamos estudar aquele capítulo do livro, pois a última epidemia da doença havia ocorrido em 1923. E sabe onde? Em Niterói, no Estado do Rio, na cidade onde eu morava (e moro até hoje), que adotei como minha, afinal, cheguei aqui aos 9 anos de idade, oriundo de São Luís do Maranhão. Em 1923, Niterói lutou contra uma epidemia em sua região oceânica e a venceu ... Mas a doença só foi erradicada do país em 1957.

Meu professor de Medicina estava correto! No entanto, o velho mestre não contava com a ressurgência das doenças consideradas sob controle, como dengue, febre amarela, tuberculose e hanseníase, no século XXI – época em que a Medicina executa procedimentos e tecnologias de ponta, disponíveis para identificar genes e até moléculas causadoras de doenças como os príons. O dengue, meu caro professor, é agora uma doença moderna, emergente. Ressurgiu em 1982, em Roraima, e alastrou-se pelo Brasil, um país-continente das águas, que facilitou sua dispersão. Bem – diria você – e o que tem a ver isso com a Extensão Universitária?

Pois eu digo: tem tudo! O problema do dengue arrasta-se no Rio de Janeiro desde 1986 e os órgãos de Saúde Pública e as universidades pouco fazem. Mas o que a Universidade pode fazer? Bem, os projetos de Extensão e os jovens estão aí prontos para atuarem em campo. Há uma corrente moderna de Extensão – a Extensão Popular –, defendida por estudantes e extensionistas da Anepop (Articulação Nacional de Extensão Popular) que preconiza ações amplas nas áreas de Educação e Saúde! Segundo essa rede de extensionistas, a Extensão Popular é um “um espaço decisivo para aproximar o científico e o popular, imbricando o conceito de responsabilidade e comprometimento, amorosidade e solidariedade dos diversos atores com a dinâmica social de nosso país”. A educação em saúde é uma carência da população brasileira. E sem o auxílio da população, das comunidades, não poderemos erradicar outra vez o dengue!

As ações de Saúde e Educação, segundo a Extensão Popular, têm muito a contribuir para a Saúde Pública e a Extensão Universitária. Pois bem, vamos dar uma chance aos projetos de Extensão Popular em nossas universidades. Avaliaremos depois...

Prof. Sidio Werdes Machado

Médico Sanitarista e Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal Fluminense.

